

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ELIZABETE OLIVEIRA DE SÁ PAULO

**VIVÊNCIAS DAS MULHERES DA ETNIA ATIKUM NA AGRICULTURA E PARA
ALÉM DELA: UMA ETNOGRAFIA DE MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E
EXPERIÊNCIAS**

SÃO CARLOS - SP

2025

ELIZABETE OLIVEIRA DE SÁ PAULO

**VIVÊNCIAS DAS MULHERES DA ETNIA ATIKUM NA AGRICULTURA E PARA
ALÉM DELA: UMA ETNOGRAFIA DE MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E
EXPERIÊNCIAS**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais Orientador: Prof(a). Dr(a). Pedro Augusto Lolli.
Co-Orientadora: Prof(a). Dr(a). Aline Fonseca Lubel.

SÃO CARLOS - SP

2025

Ficha de identificação da obra

A ficha de identificação geralmente é elaborada pela biblioteca da
Instituição de Ensino.

ELIZABETE OLIVEIRA DE SÁ PAULO

**VIVÊNCIAS DAS MULHERES DA ETNIA ATIKUM NA AGRICULTURA E PARA ALÉM DELA:
UMA ETNOGRAFIA DE MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais

São Carlos, 13 de fevereiro de 2025

Prof(a). Dr(a). Jacqueline Sinhoretto
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Pedro Augusto Lolli,
Orientador
UFSCar

Profa. Dra. Aline Iubel Fonseca
Co-orientadora
UFSCar

Prof. Dr. Danilo Paiva Ramos
UFSCar

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder a força, sabedoria e a determinação necessária para concluir minha pesquisa. Agradeço também aos meus familiares, especialmente aos meus filhos, Wesley, Evellyn, Raykla, por seu amor e compreensão constantes. A presença e o apoio de vocês foram fundamentais para que eu pudesse realizar este trabalho. Um agradecimento especial à minha irmã, Edineuma, pelo apoio e encorajamento inabaláveis. Sua presença e ajuda foram inestimáveis.

Quero expressar minha profunda gratidão aos meus professores e orientadores, Dra. Aline Iubel e Dr. Pedro Lolli, pelo apoio inestimável durante minha jornada acadêmica. Suas orientações sábias e dedicação incansável foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional.

Agradeço também aos professores Jorge Luiz Mattar Villela e Anna Catarina Morawska Vianna, bem como a todos os demais colaboradores, cuja assistência e orientação foram fundamentais para o sucesso deste projeto. E a todos que contribuíram de forma valiosa para este trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta a narrativa e um relato detalhado da vida de uma mulher indígena Atikum, e suas relações com outras mulheres, com a terra, com a agricultura e para além dela ou da mera produção de alimentos desde sua infância na aldeia até a vida adulta, na universidade. Através de sua experiência pessoal e suas reflexões sobre elas, a autora traça um panorama da cultura, dos desafios e da luta pela preservação da identidade indígena Atikum. Este trabalho foi desenvolvido com a participação de algumas mulheres que moram na Aldeia Sede e, circunvizinhas, em Pernambuco, através de questionário com perguntas objetivas e claras, que foi enviado e respondido através de mensagens de WhatsApp. Os dados foram coletados ao longo de finais de semana, através de escritas e gravação de voz, permitindo que as participantes respondessem às perguntas de forma confortável e sem pressa. Alguns dos pontos chave apresentados foram: vínculo com a terra e a centralidade na vida da comunidade e da identidade Atikum, sobretudo das mulheres; a importância e alguns dos modos como se dá a transmissão de conhecimentos tradicionais e, mais recentemente, acadêmicos; alguns desafios enfrentados ao longo da história pela comunidade tais como a perda de terras, a imposição de uma cultura diferente e a discriminação e, de outro lado, o enfrentamento desses desafios para manter viva a cultura e a identidade Atikum; o papel da mulher na comunidade, tanto nas atividades agrícolas quanto na preservação da cultura; a interseccionalidade entre gênero, etnia e classe social, mostrando como as mulheres indígenas enfrentam desafios específicos. A pesquisa teve como objetivo apresentar um testemunho da vida e cultura de uma comunidade Atikum a partir da experiência de uma mulher desta etnia e possibilitou compreender a importância da terra, da cultura, do papel da mulher e da resistência para a identidade indígena. O trabalho é ainda um convite à reflexão sobre a importância de valorizar e preservar a diversidade cultural e os direitos dos povos indígenas.

Palavras chaves:

Mulheres Indígenas Atikum; Agricultura; Resistência Cultural. Ciências Sociais.

ABSTRACT

This work presents the narrative and a detailed account of the life of an indigenous Atikum woman, and her relationships with other women, with the land, with agriculture and beyond, or the mere production of food, from her childhood in the village to her adult life at university. Through her personal experience and her reflections on them, the author outlines an overview of the culture, challenges and struggle to preserve the indigenous Atikum identity. This work was developed with the participation of some women who live in the Aldeia Sede and surrounding areas in Pernambuco, through a questionnaire with objective and clear questions, which were sent and answered through WhatsApp messages. The data were collected over the weekends, through written and voice recordings, allowing the participants to answer the questions comfortably and without rushing. Some of the key points presented were: the connection with the land and its centrality in the life of the community and the Atikum identity, especially of women; the importance and some of the ways in which traditional and, more recently, academic knowledge is transmitted; some challenges faced throughout history by the community, such as the loss of land, the imposition of a different culture and discrimination, and, on the other hand, the overcoming of these challenges to keep the Atikum culture and identity alive; the role of women in the community, both in agricultural activities and in the preservation of culture; the intersectionality between gender, ethnicity and social class, showing how indigenous women face specific challenges. The research aimed to present a testimony of the life and culture of an Atikum community based on the experience of a woman from this ethnic group and made it possible to understand the importance of land, culture, the role of women and resistance for indigenous identity. The work is also an invitation to reflect on the importance of valuing and preserving cultural diversity and the rights of indigenous peoples.

Keywords: Atikum Indigenous Women; Agriculture; Cultural Resistance. Social Sciences.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Localização do Município de Carnaubeira da Penha no Estado de Pernambuco.....	9
Imagem 2: Casa de meu pai, na Fazenda Milagres	15
Imagem 3: Casa construída por meu pai na Fazenda Milagres, quando Madrinha pediu-lhe que retornasse.....	16
Imagem 4: Casa construída por meu pai na Fazenda Milagres, quando Madrinha pediu-lhe que retornasse.....	17
Imagem 5 e 6: Mandacaru e Marmeleiros, esta, planta utilizada na construção da casa na imagem anterior.....	17
Imagem 7: Foto atual da primeira casa onde meu pai morou na Fazenda Milagres.....	18
Imagem 8: Foto atual da primeira casa onde meu pai morou na Fazenda Milagres.....	18
Imagem 9: Roça.....	20
Imagem 10: Açude onde plantamos arroz.....	22
Imagem 11: Cocar.....	26
Imagem 12: Maracá.....	26
Imagem 13: Saia de Caruá.....	27
Imagem 14: Flechas de madeira.....	27

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	4
2. INTRODUÇÃO	4
3. MEU POVO: OS ATIKUM	8
4. A FAZENDA MILAGRE	10
5. MULHERES E A ROÇA	13
6. NOSSAS PLANTAÇÕES	15
6.1 ARROZ	17
6.1.1 Preparo do Solo	17
6.1.2 Colheita	18
6.2 Feijão e Milho	18
6.2.1 Preparo do solo	18
6.2.2 A colheita do Feijão e do Milho	20
7. ARTEFATOS ARTESANAIS	20
8. A COLETIVIDADE NO TRABALHO	22
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
9.1 Como as Ciências Sociais podem entrar nessa lógica do trabalho coletivo e na "luta" das mulheres Atikum?	27
9.2 A escolha do tema de pesquisa	28
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1. APRESENTAÇÃO

O presente Relatório apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida enquanto iniciação científica sobre a conexão das mulheres indígenas com a terra. A vivência das mulheres da Etnia Atikum na Agricultura é uma pesquisa sobre as mulheres indígenas e a relação das mesmas com a terra que vai além do cultivo de alimento. Este trabalho foi desenvolvido com a participação de algumas mulheres que moram na Aldeia Sede e, circunvizinhas, em Pernambuco, através de questionário com perguntas objetivas e claras, que foi enviado e respondido através de mensagens de WhatsApp.

Os dados foram coletados ao longo de finais de semana, através de escritas e gravação de voz, permitindo que a participante respondesse às perguntas de forma confortável e sem pressa. O projeto de pesquisa teve como objetivo apresentar uma breve trajetória da minha vida, que está relacionada ao modo como nós, mulheres Atikum, vivemos com a terra. Juntamente com as coletas de dados e respostas das mulheres indígenas Atikum, o propósito do trabalho foi registrar um pouco da nossa história como mulheres da agricultura.

2. INTRODUÇÃO

Nasci na fazenda Milagre às margens da -Serra Umã, em Carnaubeira da Penha, interior de Pernambuco, sou pertencente à comunidade indígena Atikum.



Imagem 1: Localização do Município de Carnaubeira da Penha no Estado de Pernambuco Fonte: Wikipedia¹.

¹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carnaubeira_da_Penha, último acesso em 08 de agosto de 2024.

Meus pais, Dona Socorro e seu Antônio, tiveram treze filhos, dentre os quais onze ainda estão vivos, sendo eu a nona a nascer. As dificuldades impostas pela falta de recursos financeiros fizeram com que, quando eu tinha nove anos de idade, seis dos meus irmãos mais velhos já tivessem saído de casa à procura de trabalho, estudos e novos conhecimentos. Isso em um tempo em que não havia escolas nas aldeias da região. Nos poucos períodos em que existiram escolas por lá, os professores não eram indígenas e só ensinavam a cultura dos povos não indígenas. Meus pais viviam apenas de plantios da roça, levavam uma vida sofrida com tantos filhos para alimentar, trabalhavam duro de sol a sol para não deixar nada faltar. Mesmo assim, união, alegria, felicidade e brincadeiras sempre estiveram presentes entre a gente.

Lembro-me que em noite de lua cheia, ficávamos, eu e minha família, todos no terreiro da casa, apreciando a beleza do céu e sentindo a brisa suave e delicada. Fazíamos rodas animadas para conversar, dançar, cantar, contar histórias e pular de alegria. Naquele tempo não havia muitas maldades, talvez para aqueles que procuravam bagunças e tinham inimizades, mas meus familiares sempre procuraram viver em paz. Enquanto isso, os cachorros faziam a guarda da casa. Desde criança aprendemos a reconhecer o latido dos cachorros quando não era coisa boa que se aproximava. Para os potenciais perigos, em noite de lua escura, acendíamos uma coivara de fogo para ficar tudo mais iluminado.

Para fazer a coivara de fogo, a gente entrava na mata, juntava gravetos de lenha seca, fazia um tumulto com eles e tocava fogo. Depois, a gente sentava em volta ao fogo, brincava, cantava, pulava por cima do fogaréu e escutava o barulho da lenha queimando, até baixar. Naquela época não existia energia elétrica nas aldeias, então a gente usava lamparinas, candeieiros e lampiões. Todos os filhos que ainda permaneciam com meus pais dentro de casa, ajudavam a cuidar dos mais novos, e também ajudavam na roça. Desde criança, trabalhei na roça para ajudar minha família, já na adolescência trabalhei na enxada limpando, ciscando mato, plantando feijão, milho, mandioca, arroz etc.

A época da colheita era a mais sofrida, principalmente a atividade de bater arroz. Nem as crianças pequenas ficavam em casa, todos iam juntos para a roça, trabalhar o dia inteiro. Dos produtos colhidos, uma parte dos legumes a gente consumia e outra parte era armazenada, como forma de prevenção caso o próximo ano não fosse produtivo. A família não dormia tarde, para estarmos acordados bem cedo. Lembro-me de sair às 5:00 horas da manhã para

pastorar arroz. Levava comigo uma funda² para atirar pedras e espantar os pássaros para não comerem a plantação. Eu e meus irmãos nos revezávamos nos trabalhos de pegar água na cacimba, buscar lenha e ir para a roça. Houve uma época em que vivenciamos uma seca grande, a chuva não caía, a roça não dava alimento, então precisávamos de alguma forma para não passar fome. Meu pai pegava uns caçua³ e colocava no jumento, juntava os irmãos e entrava na mata para encontrar macambira⁴ para comer assadas. Também consumíamos os legumes que tínhamos guardados em vasos de armazenagem. Aos animais morrendo de fome e sede, tentávamos alguma ajuda assando mandacaru e cavando buracos de onde retirávamos água de poços.

Meu povo, os Atikum, tem hoje 11.900 habitantes entre aldeados e desaldeados, 49 aldeias demarcadas e oito em processo de demarcação.⁵ Rodrigo de Azeredo Grunewald escreve que:

O povo Atikum Umã faz parte do conjunto de indígenas nordestinos atualmente localizados no Sertão de Pernambuco, nos municípios de Caruaru, Carnaubeira da Penha, Salgueiro, Mirandiba, Belém do São Francisco e etc. O povo Atikum fala a língua portuguesa, embora algumas palavras da língua Cariri, que pertence ao tronco linguístico Tupi, são preservadas pelas pessoas mais velhas. (GRÜNEWALD, 2008, p. 38).

Sobrevivemos por meio do plantio e colheita de frutas, sementes, legumes e verduras, apesar de estarmos situados numa região em que o bioma predominante é a caatinga. As sementes mais cultivadas são: feijão de arranca (feijão carioca), feijão de corda, milho, andu e fava, além do plantio de macaxeira (mandioca), batata doce, abóbora, jerimum e melancia.

² Funda é uma arma humilde de arremesso constituída por uma correia ou corda dobrada, com uma parte mais larga no meio para colocar uma pedra. A alça é então girada com força e solta, sua carga disparada. A arma aparece no relato bíblico, com David usando-a para matar o Golias.

³ O caçua é um instrumento artesanal bem antigo, usado no trabalho de campo, para carregar frutas e legumes, feito de cipó de bambu, mas que todos usam até hoje. Chamado por muitos de cesto grande de cipó para cangalha.

⁴ Também conhecida cientificamente pelo nome de (*Bromelia laciniosa*) é uma planta da família das Bromeliáceas. Encontrada especificamente nas regiões quentes e secas das caatingas do Nordeste, da Bahia ao Piauí. A mesma retém umidade suficiente para resistir às duras secas. Possui vários usos que vão desde a utilização da planta para evitar a erosão, até como alimento para o gado. Suas folhas possuem modificações que dão uma natureza espinhenta, a macambira é queimada antes de ser oferecida ao gado. Além disso, da base de suas folhas é extraída uma massa da qual se faz um tipo de pão.

⁵ Segundo os dados do cadastro do pólo base Atikum, órgão responsável pela saúde. Os Atikum foram reconhecidos em 1949, pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Nossa área foi delimitada em 17 de agosto de 1993, através da portaria 314, assinada pelo então Ministro da Justiça.

Quanto à fauna na região, destacam-se gaviões, corujas, tiús, pebas, tatus, cangambás, cobras, preás, tamanduás, caititus e jacu. Tais animais, com exceção dos dois primeiros, são caçados com cachorros e espingardas pelos habitantes da área. O criatório doméstico é de galinhas, bodes, vacas, carneiros e porcos. Usamos cachorros também na guarda das casas, como comentei anteriormente. As frutas cultivadas são as seguintes, por ordem de quantidade: banana, manga, caju, mamão, pinha, goiaba, jaca, coco, laranja, limão. Há também uma boa produção de mel.

Os anciões da minha comunidade contam que o povo Atikum teve uma língua além do português e que foram vários os fatores que fizeram com que essa língua se perdesse. Dentre esses fatores, houve um período no qual os indígenas eram proibidos de falar outra língua que não fosse o português. Sobre povos indígenas do nordeste, Darcy Ribeiro comenta que

(a)lguns desses grupos perderam sua língua original e, aparentemente, nada os distingue da população rural com que convivem. Igualmente mestiçados, vestindo a mesma roupa, comendo os mesmos alimentos, poderiam ser confundidos com seus vizinhos neobrasileiros, se eles próprios não estivessem certos de que constituem um povo à parte, não guardassem uma espécie de lealdade a essa identidade étnica e se não fossem definidos, vistos e discriminados como “índios” pela população circundante. (RIBEIRO, 1993, p. 433-434).

O trecho acima reflete, em partes, a situação histórica dos índios do Nordeste e principalmente aquilo que os definiriam como “índios”: serem reconhecidos e se reconhecerem como indivíduos etnicamente diferenciados.

Mas esta é sem dúvida uma história sobre a qual diferentes perspectivas são lançadas, ou, sobre a qual temos diferentes representações. De um lado, durante muito tempo negou-se a existência dos povos indígenas do Nordeste, dando-os como “assimilados”, “caboclos” ou “sertanejos”, o que é apontado tanto por Ribeiro (ibidem) quanto por Arruti (1995). Mas, de outro, nunca perdemos nossa consciência étnica, ou, como colocou Ribeiro, nossa “lealdade a essa identidade étnica”. Tivemos muitas mudanças de um lugar para outro, na busca de abrigos e moradias, o que nos fez perder contatos, relações e nossa língua materna. Mas, nossas histórias são e estão vivas, e lançam outras luzes sobre essa narrativa oficial que durante muito tempo nos apagou de documentos oficiais, políticas públicas e estudos acadêmicos.

Por meio de memórias históricas da luta pela demarcação da terra indígena e de nossa existência cultural e étnica, registradas em diferentes documentos e bibliografias, e com base

em memórias pessoais, que se referem ao modo de vida com os meus familiares, pretendo contar partes dessa história, que não fala apenas de mim, como espero ter deixado evidente. Uma história plural, utilizando a expressão “a gente” para refletir a coletividade formada pela comunidade, que inclui a mim e meus iguais. Como escreve o historiador Christopher Hill:

A história precisa ser reescrita a cada geração, porque embora o passado não mude, o presente se modifica; cada geração formula novas perguntas e encontra novas áreas de simpatia à medida que revive distintos aspectos das experiências de seus predecessores” (HILL, 1987, p. 32).

Mas, percebo que as experiências na roça e com a agricultura é algo que, embora passe por transformações ao longo do tempo, permanece como atividade constante e central na história e vivência Atikum. Assim, é a partir deste tema - roça e a agricultura - enquanto experiência vivida por mim e por meus conterrâneos que pretendo desenvolver a etnografia aqui esboçada. Voltar-se para este recorte temático é relevante para desmistificar a ideia de que a mulher nordestina, em particular as indígenas, não desenvolve trabalhos braçais. Costuma-se ter uma visão de que as mulheres nordestinas têm suas vidas restringidas ao interior das casas e às atividades domésticas. A meu ver, esta perspectiva guarda um viés preconceituoso e não atento à realidade em si. Buscar desmobilizar este viés é uma das justificativas e objetivos desta pesquisa.

3. MEU POVO: OS ATIKUM

Os Atikum são um povo indígena que habita a região de Carnaubeira da Penha, no estado de Pernambuco, Brasil. Nossa história remonta há séculos atrás, antes da chegada dos colonizadores europeus ao continente americano. Originariamente, os Atikum ocupavam vastas áreas de terras, vivendo de suas práticas tradicionais de caça, pesca e coleta. A colonização portuguesa e o contato com os europeus trouxeram desafios significativos para nós. A perda de terras, a disseminação de doenças introduzidas pelos colonizadores e a imposição de um modo de vida diferente afetaram profundamente a comunidade. Durante séculos, resistimos às pressões externas, mantendo vivas nossa cultura e tradições. Apesar dos desafios históricos, continuamos a buscar formas de fortalecer nossas comunidades e preservar nossa herança cultural. Organizações indígenas, apoio governamental e a solidariedade de

movimentos sociais têm desempenhado um papel fundamental na defesa dos direitos e na promoção do bem-estar desse povo. A história dos Atikum é um testemunho da resiliência indígena diante das mudanças históricas e sociais, destacando a importância da preservação da diversidade cultural e do respeito aos direitos dos povos originários.

Durante os séculos XVIII e XIX, os Atikum enfrentaram intensos conflitos com colonizadores portugueses e, posteriormente, brasileiros, o que resultou na redução de suas populações e na perda de suas terras tradicionais. Muitos foram deslocados de suas áreas originais devido à expansão agrícola e à pressão por recursos naturais, contribuindo para a dispersão do povo Atikum. A partir do século XX, iniciativas governamentais e movimentos indígenas passaram a promover a demarcação de terras para os povos indígenas, incluindo os Atikum. No entanto, o processo de demarcação e proteção das terras indígenas ainda enfrenta desafios significativos no Brasil, com disputas frequentes envolvendo interesses econômicos e ambientais. Assim, a luta pela demarcação das terras dos Atikum é uma narrativa contínua em sua história recente. A Constituição Brasileira de 1988 reconheceu os direitos territoriais dos povos indígenas, mas a efetiva demarcação e proteção dessas terras têm sido um processo complexo e muitas vezes moroso. A relação entre os Atikum e setores não indígenas, como fazendeiros e empresas, tem sido marcada por conflitos fundiários.

Além das questões territoriais, os Atikum enfrentam desafios relacionados à preservação de suas práticas culturais, enfrentando a pressão da assimilação cultural e da influência da sociedade envolvente. No entanto, esforços significativos são feitos para fortalecer a educação bilíngue e promover atividades que preservem a cultura, como festivais, rituais e artesanato tradicional.

Organizações indígenas, órgãos governamentais e ONGs desempenham um papel vital no apoio às comunidades Atikum em demandas por direitos territoriais, educação e saúde. A busca por autonomia e autodeterminação é um tema central em nossas reivindicações, visando assegurar o respeito aos direitos indígenas e a promoção do desenvolvimento sustentável das comunidades.

Atualmente, os Atikum estão principalmente concentrados na Reserva Indígena Pankararu, localizada no sertão de Pernambuco. Esta reserva é um espaço vital para a preservação da cultura, língua e tradições dos Atikum, apesar das contínuas pressões externas e das mudanças sociais que afetam suas comunidades. A história dos Atikum reflete não

apenas as adversidades enfrentadas pelos povos indígenas no Brasil, mas também sua resiliência em preservar e revitalizar suas identidades culturais e territoriais em um contexto moderno e desafiador.

4. A FAZENDA MILAGRE

Tive a honra de ter como pai Antônio Afonso de Sá, homem honesto e trabalhador. Como educador, ensinou princípios e valores fundamentais para seus treze filhos. Apesar de ter sido criado por um fazendeiro, nunca deixou de fazer-se presente na aldeia de sua mãe, Atikum. Sua mãe, Maria Aloina da Silva, costumava sair da aldeia Boa Vista Serra do Jacaré em busca de trabalho nas fazendas da região. Quando não deixava seus filhos pequenos em casa, os levava junto de si, colocando-os em redes armadas sob a sombra de árvores, onde também descansavam alguns trabalhadores. Nesse contexto, envolveu-se com um desses trabalhadores. Dessa relação nasceu meu pai. Por conta de preconceitos e valores morais, o dono da Fazenda Milagres não permitiu que ela continuasse trabalhando na fazenda e nem se relacionando com o meu avô materno. Assim, ela teve que ir embora da Fazenda, retornando para a aldeia. O proprietário da fazenda pediu então para criar Antônio, que lá permaneceu até se casar com minha mãe, Maria do Socorro Oliveira. No entanto, essa permanência de Antônio na Fazenda Milagres não significou a perda do contato e do vínculo entre ele, sua mãe e sua família materna, Atikum. Antônio se tornou um homem sábio, respeitador, humilde e honesto.



Imagem 2: Casa de meu pai, na Fazenda Milagres (Foto de Wesley Oliveira).

Circulando a trabalho pelas fazendas da região foi que conheceu minha mãe. Quando se casaram foram morar na Aldeia Boa Vista Serra do Jacaré, estreitando e fortalecendo os vínculos com as pessoas que haviam cuidado dele também quando criança, em suas andanças pela aldeia. A pedido de sua madrinha, que também era sua irmã de criação, meu pai voltou a morar na Fazenda Milagres, em 2001, ficando lá até 2011, quando construiu uma casa na cidade de Carnaubeira da Penha, onde morou até 2012, ano em que faleceu. Deixou saudades, boas lembranças e ensinamentos valiosos e preciosos para mim e meus dez irmãos, ensinamentos que serão guardados e repassados para os nossos filhos, netos e bisnetos, garantindo uma nova geração de saberes étnicos e culturais.



Imagem 3: Casa construída por meu pai na Fazenda Milagres, quando Madrinha pediu-lhe que retornasse (Foto de Wesley Oliveira).



Imagem 4: Casa construída por meu pai na Fazenda Milagres, quando Madrinha pediu-lhe que retornasse (Foto de Wesley Oliveira).



Imagem 5 e 6: Mandacaru e Marmeleiros, esta, planta utilizada na construção da casa na imagem anterior (Foto de Wesley Oliveira).



Imagem 7: Foto atual da primeira casa onde meu pai morou na Fazenda Milagres (Foto de Wesley Oliveira).



Imagem 8: Foto atual da primeira casa onde meu pai morou na Fazenda Milagres (Foto de Wesley Oliveira).

5. MULHERES E A ROÇA

As mulheres indígenas Atikum, como em muitas outras comunidades indígenas, desempenham papéis fundamentais na agricultura e na sustentabilidade de suas comunidades. A agricultura é uma parte integrante da vida dessas mulheres, e o trabalho na roça é uma prática comum que reflete não apenas a busca e a possibilidade de subsistência, mas também uma conexão profunda com a terra e suas tradições culturais. O trabalho na roça envolve conhecimentos tradicionais sobre o solo, clima, plantas e técnicas. As mulheres Atikum

desempenham um papel vital na preservação e transmissão desses conhecimentos, garantindo que as práticas agrícolas tradicionais sejam mantidas e adaptadas às mudanças ambientais.

Assim, o trabalho na roça não é apenas uma atividade econômica, mas também desempenha um papel crucial na preservação da identidade cultural Atikum. As práticas agrícolas tradicionais, as histórias transmitidas enquanto trabalham na terra e os rituais associados à agricultura são elementos que fortalecem a coesão da comunidade e preservam a herança cultural. Essas histórias e rituais se refletem no cuidado com a terra. Cito aqui, como exemplo, a coivara, orações para que a safra seja produtiva, manutenção da boa fertilidade do solo, a limpeza do mesmo, não jogar óleo queimado na terra, atentar para os ciclos lunares e de chuva, dentre outros.

No entanto, as mulheres indígenas Atikum também enfrentam desafios, como as mudanças climáticas, que podem afetar a disponibilidade de recursos naturais. Além disso, pressões externas, como a expansão agrícola e industrial, podem impactar negativamente as terras tradicionalmente utilizadas para a agricultura.

Nós, mulheres, independentemente de raça ou cor, estamos sempre lutando na busca das conquistas, seja na roça ou em outra profissão qualquer. Nós, mulheres indígenas, fazemos também o possível para garantir nossa cultura. O modo como vivemos, lutamos e trabalhamos revela os valores que nos fazem ser quem somos, indígenas. Garantir essa identidade cultural depende de nossas ações. Desde pequenas aprendemos, no dia a dia, com nossas mães, pais, avós, enfim com nossos anciões detentores de saberes, conhecimentos sobre o que é ser mulher mãe, dona de casa, sobre o trabalho na roça. Mas também somos incentivadas a seguir outras funções fora desses espaços domésticos ou rurais e a ocupá-los, o que requer inovar, conforme a evolução do tempo e das tecnologias. Na roça é preciso garantir um ambiente de modo que não polua e nem danifique cada vez mais o nosso planeta, evitando, por exemplo, o desmatamento e queimadas de forma desequilibrada. Quando definimos um local para abrir uma roça, *destocamos o mato*⁶, então, com um *ciscador*⁷ juntamos o mato e ateamos fogo nesse monte de mato. Este processo é chamado *coivara de fogo*. Isso nos garante controle sobre o local onde o fogo pega, um ambiente mais saudável e um solo fértil, progredindo um território sustentável e não um espaço definido por um suposto valor financeiro. A terra é

⁶ Significa retirar os tocos que por ventura estão no local.

⁷ Garfo grande, com cabo de madeira.

nossa mãe e dela precisamos cuidar. É dela que tiramos nosso sustento e transformamos nossos objetivos, sustentáveis e domiciliares. As mulheres são protagonistas nesse processo. Hoje, as mulheres indígenas continuam a lutar ao lado dos líderes masculinos e das suas comunidades pelo direito aos territórios e às políticas públicas que garantam a dignidade nas aldeias.

6. NOSSAS PLANTAÇÕES

Nossas plantações hoje são feitas de forma individual, já que o território está dividido por famílias. Cada família zela pelo seu espaço, que é livre de pagamento de impostos, por exemplo. Antes do reconhecimento e da demarcação da Terra Indígena, quando Carnaubeiras era ainda um Distrito do município de Floresta, para fazermos nossas roças éramos obrigados a arrendar um pedaço de terra dos fazendeiros que se consideravam donos das mesmas. Este fazendeiros repassaram parte desta taxa ao município de Floresta, enquanto pagamento de impostos territoriais. Eventualmente, esses fazendeiros também ficavam com parte da produção agrícola. Outro fator bastante desgastante nesse período pré-demarcação era que os fazendeiros soltavam seus gados dentro de roças e pastagens das quais eles se consideravam donos.



Imagem 9: Roça (Foto de Wesley Oliveira).

Os produtos da roça sempre foram e continuam sendo processados segundo a lógica da conservação, sem danificação do ambiente e do solo. Para tanto, controlamos bem as

queimadas, através da técnica da coivara e da limpeza da terra, e não usamos agrotóxicos que prejudicam tanto o ambiente quanto nossa saúde. Na defesa contra eventuais pragas, por exemplo, produzimos "venenos" com plantas. Até mesmo em estoques, como de feijão, podemos também utilizar defensivos naturais⁸.

Desde pequenos, mais ou menos a partir dos doze anos de idade, somos levados junto de nossos pais para as roças. Assim, ainda crianças, observando e trabalhando junto dos adultos, aprendemos técnicas e conhecimentos envolvidos na atividade agrícola: arar terra, cavar buraco, quantos caroços de legume são depositados em cada cova, espaçamentos entre as plantas, que espécies podem ser plantadas perto umas das outras e quais devem ser mantidas à distância, profundidade dos buracos, identificar ervas daninhas e pragas, os períodos lunares e estações do ano corretos para plantio e colheita de cada produto, os períodos corretos ao longo do dia para aguardar a roça ou para colher, etc. Algumas tecnologias foram introduzidas, facilitando e tornando mais ágeis algumas etapas neste processo. Antigamente, como no tempo de minha avó, as crianças eram levadas ainda mais novas para a roça. Ainda bebês eram colocados em redes debaixo de árvores sombrosas, como umbuzeiro, umburana e outras, pois assim as mães estariam por perto quando precisassem amamentar seus bebês.

Portanto, no plantio e colheita na comunidade, todos participam, de diferentes modos, independentemente da idade ou gênero. Tanto homens quanto mulheres *cortam arroz, quebram milho* e os separam em feixes, que podem ser carregados pelas crianças. Estas podem ainda cavar buracos, colocar os caroços de semente na cova e tapá-las com terra. Pessoas de mais idade, podem ir à roça para observar e ficar junto dos seus. Fora da comunidade, nas fazendas, tanto homens quanto mulheres trabalhavam igualmente, em termos de função e quantidade de horas. Recebendo por estes serviços valores em diárias, utilizados para ajudar no sustento da casa. No entanto, o valor pago às mulheres costumava ser menor que o valor pago aos homens.

Nós, Atikum, utilizamos o tempo de acordo com nossas atividades, com isso garantimos o fortalecimento da nossa cultura, e para que nossa cultura não morra praticamos atividades da roça com base nos saberes e experiências dos mais velhos. Estamos sempre a

⁸ No feijão armazenado, para evitar infestações de *grugui* (também conhecidos como caruncho), utilizamos, por exemplo, *burrai*, que são as cinzas resultantes da queima realizada na coivara.

observar a natureza, pois ela revela muito o momento para realizar as ações a desenvolver em nossa comunidade. Separamos o tempo para preparar a terra, plantar, colher, vender ou armazenar, para tanto usamos a nossa sabedoria através do sol, vento, lua, conhecimentos e práticas adquiridas com os mais velhos, considerados fontes de pesquisa, por isso estamos sempre interagindo com eles. Todas as histórias de luta e resistência estão na memória deles e são repassadas aos mais novos.

6.1 ARROZ

6.1.1 Preparo do Solo

Primeiro, faz-se um canteiro (no açude ou em casa) onde semeia-se os grãos de arroz, que podem tanto ser comprados em casas agrícolas ou armazenados de uma safra anterior. Essas sementes tornam-se mudas que medem entre vinte e trinta centímetros.

A chuva cai e enche todos os açudes; espera-se então uns dias para as águas dos açudes descerem; retira-se o lodo das beiras destes açudes com as mãos, formando uma lama e uma água rasa. Está preparada a terra para o plantio daquelas mudas de arroz.

Na etapa seguinte, utilizamos um espeto de pau em forma de gancho para abrir buraquinhos na lama e então depositar a muda. Um pedaço de mais ou menos três dedos deve ser a parte que fica para fora da água.

Depois de plantado o arroz, não pode mais chover. O arroz deve ser plantado na última chuva que cai, ou seja, é preciso um bom domínio do ciclo de chuvas para que tudo dê certo.



Imagem 10: Açude onde plantamos arroz (Foto de Wesley Oliveira).

6.1.2 Colheita

Na roça de arroz de minha família, meu pai era sempre o *enfrentante*, que é como chamamos o líder. Minha mãe, eu e meus irmãos ajudávamos em todas as etapas. Ele e minha mãe cortavam os feixes de arroz, enquanto os filhos carregavam os mesmos até o *batedouro*. Este é feito com quatro varas altas fincadas no chão, nessas varas são amarradas as pontas de panos, sacos de nylon ou lonas, de modo a fazer uma proteção para que o arroz que será batido não se espalhe. No meio das quatro varas é colocado um banco de madeira, sobre o qual se batem os feixes de arroz já secos. Conforme batia o arroz, formava-se uma montanha de palha. Lembro que toda a criançada costumava brincar em cima deste monte de palha. Meu pai brigava conosco, dizendo que nos deixaria com coceira.

Depois do arroz batido, usávamos pequenas cuias feitas de cabaça ou peneiras, as quais enchíamos de arroz. Levantávamos essas cuias até o alto e deixávamos o arroz cair. O vento fazia seu serviço separando os grãos ruins dos bons, ambos caíam separados no chão.

Essa foi uma época marcada por pessoas que trabalhavam juntas e eram amáveis umas com as outras. A gente colhia arroz num bando de pessoas, familiares trocavam dias de serviços ou juntavam todos e iam trabalhar na roça de um depois iam para a do outro. Naquele tempo tinha mais união. Aquele tempo vivia disso, do plantio. Lamento não haver mais o costume do mutirão entre os vizinhos e amigos hoje em dia.

6.2 Feijão e Milho

Ferramentas mais usadas eram enxadas largas e enxadas estreitas, com cabo de madeira, para limpar o mato e cavar a terra para plantação. A foice roçadeira com cabo de madeira também, que servia para roçar os matos mais baixos e finos, já o machado era usado para cortar árvores mais grandes e fortes. O ciscado de mato é como um garfo com vários dentes para ajuntar os matos para ser queimado. Naquela época não existia muitos insetos que devorassem as plantações, mas tinha alguns, então para evitar, a gente usava uma bomba (pulverizador costal).

6.2.1 Preparo do solo

O preparo manual do solo para o plantio de milho e feijão era uma prática que exigia conhecimento, paciência e esforço físico, profundamente enraizada nas tradições agrícolas.

Esse processo começava com a escolha e preparação do terreno, um passo crucial para garantir uma boa colheita. Inicialmente, o terreno era limpo com o uso de enxadas e foices, removendo-se mato, ervas daninhas e restos de culturas anteriores. Em seguida, o solo era revolvido com enxadas e arados manuais, quebrando a terra em torrões menores para facilitar o plantio. Essa etapa, conhecida como "capina" ou "destorroamento," era crucial para melhorar a aeração e a infiltração de água no solo.

Outro aspecto importante era o destocamento, onde se removiam raízes, tocos de árvores e pedras maiores que pudessem atrapalhar o crescimento das plantas. Esse trabalho árduo era feito manualmente, e dependendo da quantidade de obstáculos, podia ser um dos passos mais demorados do preparo do solo.

Com o solo preparado e limpo, o próximo passo era a abertura dos sulcos ou covas onde seriam depositadas as sementes. O espaçamento entre as covas variava de acordo com o tipo de cultura e as práticas locais, mas era fundamental para garantir que as plantas tivessem espaço suficiente para se desenvolver sem competição excessiva por luz, água e nutrientes. Para o milho, por exemplo, as covas eram geralmente mais profundas e espaçadas, enquanto para o feijão, o plantio podia ser mais adensado, com sulcos mais rasos.

O plantio das sementes era feito manualmente, muitas vezes envolvendo toda a família. Cada cova ou sulco recebia uma quantidade específica de sementes, que eram então cobertas com uma fina camada de terra. O agricultor cuidava para que o solo fosse ligeiramente compactado ao redor das sementes, garantindo um bom contato com a terra e facilitando a absorção de umidade, o que era crucial para a germinação. Após o plantio, o solo exigia manutenção constante. A irrigação, quando necessária, era feita manualmente, geralmente com baldes e regadores. O agricultor também realizava a capina periódica para manter o terreno livre de ervas daninhas, que poderiam competir com as plantas por nutrientes e água.

Finalmente, o monitoramento constante das plantas permitia ao agricultor identificar possíveis problemas, como a presença de pragas ou doenças, que eram combatidas com métodos naturais, como o uso de plantas repelentes ou preparados caseiros. Esse ciclo de cuidados manuais era repetido até a colheita, resultando em uma produção que, apesar de artesanal, era vital para a subsistência das famílias e comunidades rurais.

6.2.2 A colheita do Feijão e do Milho

Antigamente, a colheita manual de milho envolvia trabalhadores utilizando foices e facões para cortar as espigas maduras. Após o corte, as espigas eram reunidas em feixes e, posteriormente, eram despalhadas para separar os grãos da palha. Esse processo demandava uma mão de obra intensiva e era mais demorado se comparado às técnicas modernas de colheita mecanizada.

Após a despalha, os grãos de milho eram armazenados em celeiros para secagem. Esse processo manual demandava grande esforço físico e tempo, dependendo da extensão da plantação. Além disso, a eficiência da colheita estava sujeita às condições climáticas e à habilidade dos trabalhadores. A introdução de máquinas agrícolas, como colheitadeiras, revolucionou esse cenário, tornando a colheita mais rápida e eficiente, contribuindo para aumentar a produtividade e reduzir a dependência da mão de obra manual. Com o advento das colheitadeiras, a colheita de milho passou por uma transformação significativa. Essas máquinas foram projetadas para cortar as espigas, separar os grãos da palha e até mesmo armazenar temporariamente os grãos. Isso não apenas acelerou o processo, mas também reduziu a necessidade de uma grande equipe manual.

A mecanização da colheita proporcionou maior eficiência e consistência, permitindo que os agricultores colhessem grandes extensões de campos de milho em prazos mais curtos. Além disso, as colheitadeiras foram aprimoradas ao longo do tempo, incorporando tecnologias como sensores e sistemas de automação para otimizar ainda mais o desempenho. Essa transição da colheita manual para a mecanizada reflete os avanços tecnológicos na agricultura, resultando em processos mais eficientes e aumento da produção de alimentos.

7. ARTEFATOS ARTESANAIS

O artesanato faz parte da vida cultural do povo Atikum, implica em conhecimentos repassados pelos mais velhos da comunidade, e também depende do dom de nossos artesãos, que manifestam toda sua sabedoria e criatividade. Repassar esses conhecimentos é algo que, assim como os conhecimentos acerca da roça, requer cuidados. Fazemos *saia de caruá*⁹ (que é utilizada no ritual do Toré); *cocares*, feitos com caruá e penas (utilizados também no Toré e

⁹ Caruá é uma planta.

em apresentações de eventos, em reuniões entre as comunidades e com autoridades de fora; *maracás*, feitos de cabaça e utilizados no chamamento da espiritualidade no Toré; *vassouras*, *abanos de fogo e esteiras de palhas de catolezeiro*; *cestos de cipó*; *bolsas*; *laços* e outros artefatos.

Esse artesanato tanto é útil na vida cotidiana quanto manifesta a cultura Atikum em momentos rituais e políticos. Fazem parte, portanto, da luta, do fortalecimento da identidade e do reconhecimento étnico do povo Atikum.



Imagem 11: Cocar (Foto de Wesley Oliveira).



Imagem 12: Maracá (Foto de Wesley Oliveira).



Imagem 13: Saia de Caruá (Foto de Wesley Oliveira).



Imagem 14: Flechas de madeira (Foto de Wesley Oliveira).

Antes da demarcação da terra, alguns fazendeiros levavam o gado para comer por toda parte, inclusive na Serra do Posto tradicionalmente habitada pelos Atikum. Este avanço dos fazendeiros e seus gados causavam não apenas devastação ambiental (eles comiam a pastagem, os legumes, etc), mas também desconforto e insatisfação. Isso motivou a luta pela demarcação das terras. Nesse processo de reconhecimento das terras, realizado pela FUNAI, foi pedido que se demonstrasse caracteres da cultura indígena. Parte desse artesanato, sobretudo a saia de caruá, os maracás e cocares, foi fundamental nessa demonstração material da cultural Atikum e, portanto, no processo de reconhecimento étnico e das terras.

8. A COLETIVIDADE NO TRABALHO

Durante o desenvolvimento da pesquisa sobre os Atikum, uma comunidade indígena do Nordeste do Brasil, localizada em Carnaubeira da Penha (PE), eu pude perceber que temos uma forma de organização social profundamente enraizada na coletividade. Para nós, o trabalho não é apenas uma atividade individual, mas uma expressão de pertencimento e

solidariedade comunitária. Essa característica coletiva está presente em todas as esferas da vida cotidiana, desde as tarefas mais simples até as mais complexas.

Na plantação e na colheita, por exemplo, a coletividade se manifesta no sistema de mutirão, onde os membros da comunidade se reúnem para trabalhar juntos nos campos. Esse esforço conjunto não só garante a produção necessária para o sustento de todos, mas também fortalece os laços sociais e a reciprocidade, essenciais para a sobrevivência em um ambiente de adversidades climáticas e econômicas.

Da mesma forma, o cuidado com as crianças é compartilhado entre os membros da comunidade. Não é apenas responsabilidade dos pais, mas de todos os adultos que, juntos, se empenham em criar e educar as novas gerações. Essa prática assegura que os valores e as tradições da cultura Atikum sejam transmitidos de forma integral, preservando a identidade do povo.

A construção de casas também segue essa lógica coletiva. Todos contribuem, seja na escolha dos materiais, na preparação do terreno ou na construção propriamente dita. As casas, muitas vezes construídas de forma tradicional, não são apenas abrigos físicos, mas espaços de convivência e aprendizado, onde o espírito comunitário se fortalece.

Na educação escolar, a coletividade aparece tanto na participação dos pais e anciãos no processo educativo quanto na construção de um currículo que reflete os saberes e a cultura do povo Atikum. As escolas não são instituições isoladas, mas partes integrantes da vida comunitária, onde o conhecimento é compartilhado e as tradições são mantidas vivas.

Em resumo, para os Atikum, todo trabalho é um ato de coletividade. A interdependência e a cooperação permeiam cada aspecto da vida, desde a subsistência material até a manutenção da cultura e dos valores. A noção de que "somos todos um" guia suas ações, assegurando que a comunidade prospere de forma harmônica e sustentável, preservando o equilíbrio entre o ser humano, a terra e o espírito coletivo que os une.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres indígenas têm desempenhado um papel fundamental na agricultura ao longo dos séculos, não apenas como trabalhadoras, mas também como guardiãs e transmissoras de conhecimento tradicional. Elas são responsáveis por práticas agrícolas que

vão além do simples cultivo, englobando a preservação da biodiversidade, a gestão sustentável dos recursos naturais e a transmissão de saberes ancestrais às novas gerações. Em muitas comunidades indígenas, as mulheres são as principais agricultoras. Elas cultivam uma variedade de plantas para alimentação, remédios e outros usos. Esse conhecimento profundo sobre as plantas e suas interações com o ambiente é passado de geração em geração. As práticas agrícolas das mulheres indígenas frequentemente se baseiam em sistemas agroecológicos que promovem a sustentabilidade. Esses sistemas são caracterizados pela diversidade de culturas, o uso mínimo de produtos químicos e a conservação dos solos e da água.

As mulheres indígenas desempenham um papel crucial na preservação da biodiversidade agrícola. Elas mantêm e cultivam uma vasta gama de variedades de plantas, muitas das quais são resistentes a pragas e doenças e adaptadas às condições locais. Essa diversidade genética é vital para a segurança alimentar, especialmente em face das mudanças climáticas. Além disso, a prática de policulturas, onde várias espécies são plantadas juntas, aumenta a resiliência dos sistemas agrícolas.

O conhecimento tradicional das mulheres indígenas é uma fonte valiosa de inovação na agricultura. Elas têm uma compreensão profunda das técnicas de manejo do solo, irrigação e cultivo, muitas vezes integrando essas práticas com novos conhecimentos para melhorar a produtividade e a sustentabilidade. Esse conhecimento inclui a utilização de plantas nativas, a rotação de culturas e o uso de biopesticidas naturais. Apesar de sua contribuição significativa, as mulheres indígenas enfrentam inúmeros desafios. A marginalização social e econômica, o acesso limitado à terra e a recursos financeiros, e a falta de reconhecimento formal de seus conhecimentos e práticas são obstáculos significativos. No entanto, elas demonstram uma resiliência notável, organizando-se em cooperativas e redes para compartilhar conhecimentos, recursos e apoiar umas às outras. O papel das mulheres indígenas na agricultura é crucial para a segurança alimentar de suas comunidades. Elas garantem a produção e a disponibilidade de alimentos nutritivos e diversificados, contribuindo para a saúde e o bem-estar das populações locais. Além disso, a gestão sustentável dos recursos naturais que elas promovem é essencial para a continuidade da produção agrícola no longo prazo. A agricultura praticada pelas mulheres indígenas é intrinsecamente ligada à sua cultura e identidade. As práticas agrícolas são parte integrante dos rituais, das festividades e das tradições das comunidades indígenas. A

preservação dessas práticas agrícolas é, portanto, também a preservação da cultura e da identidade dessas comunidades.

Para fortalecer o papel das mulheres indígenas na agricultura, é essencial promover políticas que garantam seus direitos à terra e aos recursos, proporcionar acesso a financiamento e formação, e valorizar e proteger seu conhecimento tradicional. Além disso, iniciativas de desenvolvimento sustentável que incluam as mulheres indígenas como protagonistas são fundamentais para garantir a sustentabilidade dos sistemas agrícolas e a resiliência das comunidades indígenas frente aos desafios futuros.

As mulheres indígenas na agricultura representam um elo vital entre a tradição e a inovação, a sustentabilidade e a segurança alimentar. O reconhecimento e o apoio a seu papel são essenciais para promover sistemas agrícolas mais justos, sustentáveis e resilientes.

Mas, é possível ir além da agricultura, da roça e até mesmo das inovações que as transformações ambientais vêm impondo a essas atividades. Eu faço parte deste movimento de “ir além”. Quando criança, ouvi de meu pai que bastava ler uma carta e escrever outra. Em minha infância e também na adolescência só conhecia as histórias que meu povo contava. Ouvia que somente as pessoas não indígenas podiam estudar. Até que minha irmã mais velha pode sair da aldeia, indo morar na cidade com meus padrinhos, para estudar.

Como apontei no início deste texto, nem sempre havia escola nas aldeias da minha região. Nos momentos em que tínhamos acesso à escola, o incentivo dos professores era fundamental para que meus pais aceitassem que eu e meus irmãos estudássemos. Enfrentamos alguns desafios - tínhamos que passar por dentro da mata, pular passador, cercas, passar por debaixo de arames -, mas, ir para a escola me fazia muito feliz. Aos meus treze anos de idade meu pai me incentivou a ir estudar na cidade. Naquela época, uma pessoa que não tinha grandes ganhos financeiros, para estudar tinha que ficar na casa de pessoas com mais condição financeira. Lembro que a humilhação era grande, pois tinha que realizar todas as tarefas da casa, às vezes muito cansada, só depois é que podia ir para aula. Nos finais de semana ainda voltava para casa ajudar minha mãe. Neste período consegui terminar a quarta série do ensino fundamental. Morava em mim o desejo de conhecer São Paulo. Coisa que tive a oportunidade de fazer quando uns conhecidos dos meus pais pediram para que eu viesse morar com eles por um tempo. Fiquei muito feliz, pois estava saindo de um mundo para conhecer outro. Fiquei lá por apenas nove meses. Aos dezesseis anos de idade fui morar com uns parentes no Projeto

Brígida que fica em Cabrobó¹⁰. Lá conheci meu esposo, larguei a escola, casamos e fomos trabalhar e morar na fazenda Umburana, onde se plantava cebola, arroz e etc. Em 2000 tive o meu primeiro filho e em 2002 tive outra filha, mas continuava pensando em um dia terminar os estudos. Em 2005 decidi deixar a fazenda e voltar para minha cidade de origem. Naquela época pude fazer duas séries em um ano só. Estar na minha cidade foi fundamental para continuar meus estudos, pois meus familiares me ajudavam a cuidar das crianças. Assim, em 2006 consegui concluir o ensino fundamental. Não foi uma jornada fácil, pois eu tinha que trabalhar na cidade que fica a um quilômetro da fazenda Milagre, como doméstica, para sustentar meus filhos. À noite, depois das aulas, eu voltava para casa no carro locado pela prefeitura para carregar os estudantes. Muitas vezes este carro dava problema, e tínhamos que voltar a pé, no escuro e com medo de animais ferozes. Em 2009 concluí o ensino médio. Logo pensei, posso estudar mais um pouco para melhorar meus conhecimentos. Depois de nove anos parada em relação aos estudos, através de uma outra indígena Pankara, vizinha dos Atikum, que estava estudando na Universidade Federal de São Carlos, fiquei sabendo que podia vir estudar aqui, só que para isso teria que vir fazer prova em São Carlos. Percebi que era o momento de poder realizar o desejo de adquirir novos conhecimentos, fazer uma graduação e poder compartilhar essa transformação com minha comunidade. Inicialmente, meus familiares não quiseram que eu viesse, pois com três filhos não seria nada fácil. Mesmo assim concordaram. Então, dei um jeito e consegui vir fazer a tão sonhada prova. Eu não sabia de nada, mas com o pouco que sabia deu tudo certo e fui aprovada para o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, em 2015.

Quando cheguei aqui na Universidade Federal de São Carlos, meu mundo desabou, pois não foi nada fácil me adaptar a um novo mundo com tantas coisas diferentes, pessoas diferentes, culturas diferentes. Eu só pensava em voltar para minha terra. Me entristecia as pessoas me tratarem mal por eu não saber falar como elas, ou por ter uma cultura de fala

¹⁰ O Projeto Público de Irrigação Brígida é parte integrante do empreendimento promovido pela Chesf para o reassentamento das populações rurais afetadas pelo reservatório de Itaparica. O projeto original abrangia uma área útil de 1.500 hectares e tinha como objetivo garantir o assentamento de aproximadamente 10% dessas populações. Dentre os assentados originais predominavam pequenos produtores, que viviam como posseiros, arrendatários ou tendo a produção agrícola como base de seu sustento. O empreendimento possui 25 lotes de 1,5 hectares, 317 lotes de 3 hectares, 46 lotes de 4,5 hectares e 49 lotes de 6 hectares, somando 428 lotes, além de 10 agrovilas, um posto de saúde e seis escolas (Disponível em: <https://www.codevasf.gov.br/linhas-de-negocios/agricultura-irrigada/projetos-de-irrigacao/sistema-itaparica/brigida>, último acesso em 27 de agosto de 2024).

diferente, por ser muito calada. Com tudo isso mantive minhas forças, coragem, e com muita determinação permaneci no curso de Ciências Biológicas até 2018. Porém, não estava feliz com o curso, não estava tendo rendimentos. Decidi então fazer o ENEM e migrar para o curso de Ciências Sociais.

Percebi que minha verdadeira vocação estava nas Ciências Sociais. Essa mudança de curso foi um marco na minha vida, pois foi durante a pandemia, não só o curso de Ciências Sociais, mas o mundo inteiro enfrentou desafios. Fazer o curso de Ciências Sociais durante a pandemia foi desafiador, mas também uma experiência rica em aprendizado e superação. As dificuldades começaram com a adaptação ao ensino remoto, que trouxe novas exigências tecnológicas e afetou a interação com professores e colegas. A falta de contato físico e as limitações do ambiente virtual fizeram com que o diálogo, tão importante para a área, ficasse mais restrito, afetando o aprofundamento das discussões e o aprendizado coletivo.

Outro obstáculo foi manter a disciplina e o foco nos estudos em meio à instabilidade emocional causada pelo isolamento e pelas incertezas da crise sanitária. O ambiente familiar nem sempre era o mais favorável para o estudo, e lidar com questões de saúde, tanto física quanto mental, tornou o processo ainda mais desafiador. Por outro lado, houve um grande crescimento pessoal e acadêmico. Aprender a usar ferramentas digitais, acessar conteúdos de forma independente e participar de debates virtuais aumentou a capacidade de adaptação e o senso de responsabilidade. A pandemia também trouxe novos temas de estudo, como a importância das políticas públicas, desigualdades sociais ampliadas pela crise e o papel das redes sociais na disseminação de informação.

Superar essas dificuldades fortaleceu a resiliência e o compromisso com a educação. Ao final, a experiência não foi apenas sobre adquirir conhecimento acadêmico, mas também sobre desenvolver habilidades importantes para a vida profissional e pessoal, como a flexibilidade, a capacidade de autogerenciamento e a empatia.

9.1 Como as Ciências Sociais podem entrar nessa lógica do trabalho coletivo e na "luta" das mulheres Atikum?

O curso de Ciências Sociais desempenha um papel fundamental no apoio à luta das mulheres Atikum, especialmente dentro da lógica do trabalho coletivo. Ele fornece ferramentas teóricas e metodológicas para analisar as estruturas de poder que afetam essas

mulheres, como o patriarcado, o colonialismo e as políticas estatais, permitindo uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados por elas.

Um aspecto crucial das Ciências Sociais é o estudo de gênero e interseccionalidade, que permite entender como diferentes formas de opressão, como etnia e classe, se sobrepõem e moldam as experiências das mulheres Atikum. Essa abordagem é essencial para reconhecer as especificidades de suas lutas e fortalecer a resistência coletiva. Além disso, as Ciências Sociais incentivam o uso de metodologias de pesquisa participativa, onde as próprias mulheres Atikum podem ser envolvidas na produção de conhecimento, valorizando seus saberes e experiências. Esse tipo de pesquisa fortalece a organização comunitária, crucial para a resistência dessas mulheres, ao documentar e analisar suas práticas coletivas.

Outro ponto importante é a preparação para a advocacia e a influência em políticas públicas que apoiem os direitos das mulheres indígenas. O curso capacita estudantes e profissionais a usar seu conhecimento para promover políticas que garantam a autonomia e o bem-estar das mulheres Atikum.

Por fim, as Ciências Sociais promovem a solidariedade acadêmica e militante, conectando estudantes e profissionais a redes de apoio aos movimentos indígenas. Dessa forma, o curso não só contribui para a compreensão das lutas das mulheres Atikum, mas também oferece suporte prático e intelectual para fortalecer suas estratégias de resistência e garantir seus direitos.

9.2 A escolha do tema de pesquisa

Com o retorno das aulas presenciais, o ambiente acadêmico se mostrou extremamente enriquecedor para o desenvolvimento das minhas ideias de pesquisa. A interação direta com os professores não apenas trouxe novas perspectivas, mas também fortaleceu minha confiança em explorar o tema da vivência das mulheres da etnia Atikum na agricultura. A troca de conhecimentos e o diálogo constante com os docentes foram cruciais para a construção e o aprimoramento do projeto, permitindo que eu aprofundasse meu entendimento sobre as questões de gênero, cultura e sustentabilidade. Esse apoio foi essencial para que eu pudesse dar continuidade ao trabalho, buscando não só trazer visibilidade às práticas dessas mulheres, mas também valorizar suas contribuições no campo da agricultura, especialmente no contexto do pós-pandemia e da retomada das atividades acadêmicas. O projeto segue em evolução,

guiado por esse suporte acadêmico e pela vontade de contribuir para a compreensão das dinâmicas vividas por essas mulheres no campo. As mulheres da etnia Atikum têm um papel central na agricultura, pois não apenas desempenham funções ligadas ao plantio e à colheita, mas também à transmissão de conhecimentos ancestrais para as gerações futuras. A agricultura é um meio de sustento e preservação da identidade cultural, sendo que as mulheres muitas vezes atuam como guardiãs dessas práticas. Além disso, eu busco analisar as mudanças no modo de vida dessas mulheres e o impacto da modernidade e das políticas públicas nas comunidades indígenas. O contato com outras culturas, a urbanização e as políticas governamentais podem ter alterado a forma como as mulheres Atikum veem e praticam a agricultura. No entanto, para muitas, essa prática ainda representa uma forma de resistência cultural e de conexão com suas raízes. Essa pesquisa também pretende explorar o papel da coletividade entre essas mulheres, já que a agricultura, muitas vezes, é realizada em grupos, fortalecendo laços comunitários. Eu estou interessada em compreender como essa coletividade se expressa no trabalho agrícola e como isso influencia a autonomia e o empoderamento das mulheres dentro da comunidade.

Este tema, a vivência das mulheres da etnia Atikum em relação à agricultura e para além dela, envolve múltiplos aspectos que vão além da simples produção de alimentos. Primeiro, é importante destacar o papel central que essas mulheres desempenham na preservação dos conhecimentos ancestrais. A agricultura tradicional indígena é baseada em técnicas sustentáveis, transmitidas de geração em geração. Essas práticas incluem a escolha de sementes nativas, o cultivo em rotação para garantir a fertilidade do solo e o respeito aos ciclos naturais da terra. As mulheres Atikum são as principais guardiãs desse saber, que não só sustenta suas comunidades, mas também contribui para a preservação da biodiversidade local e para o equilíbrio ambiental.

Além de sua importância cultural e ecológica, a relação das mulheres Atikum com a agricultura também tem uma dimensão social e econômica. Em muitas comunidades indígenas, as mulheres estão à frente do cultivo, não apenas para o consumo familiar, mas também para a comercialização de excedentes. Isso garante uma fonte de renda que contribui para a autonomia financeira das mulheres e o bem-estar de suas famílias. A participação ativa na agricultura lhes confere um papel central na economia da comunidade, fortalecendo seu

protagonismo e permitindo que assumam posições de liderança em questões ligadas à terra e à sustentabilidade.

Outro aspecto essencial dessa relação é a conexão espiritual com a terra. Para as mulheres Atikum, a agricultura não é apenas uma atividade prática, mas também uma forma de se conectar com suas tradições e crenças. O cultivo da terra e a colheita são vistos como parte de um ciclo sagrado, em que o respeito à natureza é fundamental. Essa relação espiritual se reflete em rituais e práticas que envolvem gratidão à terra, reforçando a importância da harmonia entre o ser humano e o meio ambiente. Essa perspectiva vai de encontro à visão moderna de exploração intensiva da terra, oferecendo uma alternativa sustentável e profundamente conectada com o respeito à natureza.

Diante de desafios contemporâneos, como a perda de terras tradicionais, a pressão de grandes fazendas e os impactos das mudanças climáticas, a agricultura praticada pelas mulheres Atikum se torna uma forma de resistência. O cultivo da terra não apenas garante a sobrevivência, mas também reafirma sua identidade indígena e o direito ao território. Em muitas situações, as mulheres lideram movimentos de defesa de seus direitos, lutando por políticas públicas que garantam a preservação de suas terras e modos de vida.

Por fim, o estudo sobre a vivência das mulheres Atikum e sua relação com a agricultura revela a profundidade e a complexidade dessa interação, que envolve não apenas aspectos técnicos, mas também culturais, espirituais e políticos. Ao compreender essa realidade, valorizamos a resiliência dessas mulheres e a importância de suas contribuições para a sustentabilidade ambiental e a preservação cultural de suas comunidades.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUTI, José Maurício. “Morte e vida do nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, pp. 57-94.

GRÜNEWALD, R.A. Toré e Jurema: Emblemas Indígenas no Nordeste do Brasil. *Ciência e Cultura: temas e tendências*, Campinas, ano 60, n. 4, p. 43 - 45, outubro. 2008. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v60n4/a18v60n4.pdf>. Acessado em 20/01/2023.

HILL, Christopher. *O mundo de ponta cabeça*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

RIBEIRO, D. *Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 520 p.